



I N V E S T I G A Ç Ã O



**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO GRÁFICA**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**INFOGRAFIA DA CAPA**

Mickael Silva

**PRÉ-IMPRESSÃO**

Jorge Neves

**PRINT BY**

KDP

**ISBN**

978-989-26-1755-8

**ISBN DIGITAL**

978-989-26-1756-5

**DOI**

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1756-5>

MAIA, Clarinda de Azevedo, 1939-  
Estudos linguísticos. - (Investigação)  
ISBN 978-989-26-1757-2 (ed. impressa)  
ISBN 978-989-26-1758-9 (ed. eletrónica)  
CDU 811.134.3-112

CLARINDA DE AZEVEDO MAIA  
ISABEL ALMEIDA SANTOS  
(COORDS.)

# ESTUDOS DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA

MUDANÇA E ESTANDARDIZAÇÃO

IMPrensa DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

## ÍNDICE

<b>Apresentação</b> . . . . .	9
CLARINDA DE AZEVEDO MAIA	

### SECÇÃO I

<b>La sintaxis histórica de las palabras gramaticales. Un reto teórico para el cambio lingüístico</b> . . . . .	19
CONCEPCIÓN COMPANY COMPANY	

<b>Síntese dos achados do <i>Projeto para a História do Português Brasileiro</i></b>	53
ATALIBA T. DE CASTILHO	

<b>Protótipos e subjetificação na mudança semântica lexical e construcional</b>	89
AUGUSTO SOARES DA SILVA	

<b>Gramaticalização, distância, imediatez e tradições discursivas: o caso do português <i>caso</i></b> . . . . .	119
JOHANNES KABATEK/DAVID GERARDS	

### SECÇÃO II

<b>Pragmática histórica e construção histórica do discurso: análise de alguns aspetos do funcionamento textual-discursivo do Português medieval</b> . . . . .	165
CLARA BARROS	

<b>Para a história de algumas perífrases verbais no discurso metalinguístico português: de <i>estar, andar e ficar</i> + ‘gerúndio’ a <i>estar, andar e ficar</i> + ‘infinitivo’ preposicionado . . . . .</b>	<b>201</b>
---	------------

MARIA HELENA PESSOA SANTOS

<b>Tipologia e âmbito dos cultismos no padrão linguístico quinhentista . . . . .</b>	<b>251</b>
--	------------

MARIA HELENA PAIVA

<b>Codificação e intervenção do homem sobre a língua: com que autoridade? . . . . .</b>	<b>275</b>
---	------------

ISABEL ALMEIDA SANTOS

### SECÇÃO III

<b>Mudança, estandardização e o significado social da ênclise pronominal no Português do Brasil . . . . .</b>	<b>303</b>
---	------------

MARILZA DE OLIVEIRA

<b>Critérios descritivos e prescritivos na colocação dos pronomes pessoais átonos na gramaticografia da língua portuguesa durante o século XIX . . . . .</b>	<b>329</b>
--	------------

ROGELIO PONCE DE LEÓN ROMEO

<b>Tratamento do participio passado duplo em textos normativos dos séculos XVIII e XIX. . . . .</b>	<b>353</b>
---	------------

CARLA SOFIA SILVA FERREIRA

<b>Variação, mudança, estandardização linguística e ensino do português: faces de um paradoxo . . . . .</b>	<b>377</b>
---	------------

AMÉRICO VENÂNCIO LOPES MACHADO FILHO

<b>Apontamentos lexicais sobre o “Livro das Propriedades” ou Tombo da Mitra Arquiepiscopal de Braga: designações de terras e outros aspetos das propriedades . . . . .</b>	<b>393</b>
--	------------

ANABELA LEAL DE BARROS

<b>Diacronia no nível do texto: uma discussão a partir da análise dos mecanismos de articulação tópica na história da carta do leitor na imprensa do Rio Grande do Norte-Brasil . . . . .</b>	<b>429</b>
---	------------

CLEMILTON LOPES PINHEIRO

<b>Particularidades linguísticas numa aldeia do interior norte de Portugal: o léxico do meio rural . . . . .</b>	<b>451</b>
ALEXANDRA MARIA FERNANDES BALTAZAR	
<b>Alternativa de interpretação do grafema como indício de elevação de vogais médias pretônicas no português brasileiro sul-rio-grandense do século XIX. . . . .</b>	<b>475</b>
ROBERTO FRANCISCO NASI	
<b>Ensino de língua portuguesa em contexto de variação linguística: o caso da interferência de dialetos italianos na fala em português em Santa Catarina-Brasil . . . . .</b>	<b>513</b>
MARIZETE BORTOLANZA SPESSATTO	
<b>O elemento lexical <i>sobre-</i> e o seu processo de herança, variação e mudança lexical em Português . . . . .</b>	<b>539</b>
SUSANA MARGARIDA NUNES	

ROGELIO PONCE DE LEÓN ROMEO

*Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto*

rromeo@letras.up.pt

ORCID: 0000-0002-2392-1422

**CRITÉRIOS DESCRITIVOS E PRESCRITIVOS  
NA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS  
NA GRAMATICOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA  
DURANTE O SÉCULO XIX**

**DESCRIPTIVE AND PRESCRIPTIVE CRITERIA IN THE  
PLACEMENT OF UNSTRESSED PERSONAL PRONOUNS  
IN THE PORTUGUESE GRAMMATICOGRAPHY  
OF THE 19TH CENTURY**

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as propostas e os juízos sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos (tendo em conta as três modalidades: ênclise, próclise e mesóclise) nas gramáticas que descrevem a língua portuguesa, publicadas, durante o século XIX, em Portugal e no Brasil, bem como estudar a evolução do pensamento gramatical, no período cronológico referido, sobre este aspeto da língua, especialmente no sentido de configurar – ou não – critérios de tipo prescritivo e normativo sobre as três posições dos clíticos. Neste sentido, põe-se em relevo, quando há – nos textos metagramaticais – critérios prescritivos, o grau de afastamento entre a gramaticografia do português que se publica em Portugal e aquela que sai dos prelos brasileiros.

**Palavras-chave:** pronomes pessoais átonos, gramaticografia da língua portuguesa, século XIX

**ABSTRACT:** The present work analyzes the proposals and judgements on the placement of unstressed personal pronouns (considering the three modes: enclisis, proclisis and mesocclisis) in Portuguese grammars published in the 19th century in Portugal and Brazil. It also studies the development of grammatical thinking about this aspect of language in that period, especially in the sense of setting – or not – prescriptive criteria for the three positions of the clitics. We thus focus on when the prescriptive criteria appear in meta-grammatical texts, the degree of separation between the grammaticography of the Portuguese that is published in Portugal and that which comes from the Brazilian presses.

**Keywords:** unstressed personal pronouns, grammaticography of the Portuguese language, 19th century

## 1. Considerações iniciais

Em *O idioma nacional na escola secundária* (São Paulo, 1935), Antenor Nascentes defende aquilo que designa como *dialeto brasileiro* como um sistema linguístico com variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas próprias, e, conseqüentemente, com uma norma padrão própria. O filólogo brasileiro defende, com efeito, na primeira metade do século XX, uma norma do português do Brasil, diferente da norma do português europeu: «[d]ivergindo as linguas nos dois países, é claro que a gramatica tambem variará e portanto o criterio de correção gramatical» (Nascentes, 1935: 14). Mais à frente, Nascentes insiste na mesma ideia de desenvolvimento de uma norma brasileira perante a do português europeu:

Falemos certo, sem precisar exprimirmo-nos à moda de Portugal.

Gramaticas ha e muitas que capitulam de vicio de linguagem o *brasileirismo* como se fosse vergonha falar à moda do país.

No Brasil, o *brasileirismo* só é erro quando constitue um solecismo e, neste caso, é errado por ser um solecismo e não por ser um *brasileirismo*.

Ao contrario, será improprio lusitanismo ou portuguesismo, isto é, a expressão embora certa, mas que não corresponde à linguagem usada no Brasil (Nascentes, 1935: 15-16).

Um dos aspetos que diferenciam a norma brasileira da portuguesa é, refere Nascentes, a colocação dos clíticos: «[o] caso mais carateristico, o grande cavalo de batalha é a colocação dos pronomes pessoais oblíquos» (Nascentes, 1935: 16).

É precisamente da colocação dos pronomes pessoais átonos que tencionamos tratar no presente trabalho, considerando a descrição – *lato sensu* – que, deste aspeto, é realizada pelos gramáticos da língua portuguesa que publicam as suas obras tanto em Portugal como no Brasil, durante o século XIX. É, por este motivo, o nosso objetivo determinarmos eventuais diferenças, relativamente às observações metalinguísticas sobre a posição dos clíticos – dos quais alguns aspetos foram já por nós analisados recentemente, mas abrangendo períodos cronológicos anteriores (Ponce de León, 2015; Ponce de León,

2018) –, entre aquilo que poderia ser designado como *linha gramaticográfica* portuguesa e a correspondente brasileira.

## 2. Os pronomes clíticos no discurso metagramatical oitocentista

### 2.1. Apresentação do *corpus* e determinação da questão de estudo

Como foi dito na secção anterior, o nosso *corpus* é constituído por gramáticas da língua portuguesa, publicadas em Portugal e no Brasil<sup>1</sup>. São as seguintes:

#### i) *Linha gramaticográfica* portuguesa:

- Manuel Dias de Sousa, *Gramatica portugueza*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1804. [= Sousa]
- António de Morais Silva, *Epitome da grammatica da lingua portugueza*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1806. [= Morais Silva]
- João Crisóstomo do Couto e Melo, *Gramática filósofica[sic] da linguagem portugueza*, Lisboa, Impressão Régia, 1818. [= Melo]
- Francisco Soares Ferreira, *Elementos de grammatica portugueza*, Lisboa, Impressão Régia, 1819. [= Ferreira]
- Jerónimo Soares Barbosa, *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, Lisboa, Tipografia da Academia das Ciências, 1822. [= Barbosa]
- Francisco Solano Constâncio, *Grammatica analytica da lingua portugueza*, Paris, J. Aillaud, 1831. [= Constâncio]
- Bento José de Oliveira, *Nova grammatica portugueza*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1862. [= Oliveira]
- Francisco Júlio Caldas Aulete, *Grammatica nacional*, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1864. [= Aulete]
- Teófilo Braga, *Grammatica portugueza elementar*, Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira, 1876. [= Braga]
- Francisco José Monteiro Leite, *Grammatica portugueza dos lyceus*, Porto, Livraria Civilização, 1887. [= Leite]

---

<sup>1</sup> À exceção da gramática de Francisco Solano Constâncio, que foi publicada em Paris.

- Francisco Adolfo Coelho, *Noções elementares de grammatica portugueza*, Porto, Lemos & C.<sup>a</sup> Editores, 1891. [= Coelho]

ii) *Linha gramaticográfica* brasileira:

- António da Costa Duarte, *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*, Maranhão, Typ. do Frias, 1859 (4.<sup>a</sup> ed.) [1829]. [= Duarte]
- Manuel Soares da Silva Beserra, *Compendio de grammatica philosophica*, Ceará, Typographia Social, 1861. [= Beserra]
- Francisco Sotero dos Reis, *Grammatica portugueza*, Maranhão, Typ. de R. d'Almeida & C., 1871 (2.<sup>a</sup> ed.) [1866]. [= Reis]
- Augusto Freire da Silva, *Grammatica portugueza*, São Paulo, Augusto Siqueira & Comp., 1906 (9.<sup>a</sup> ed.) [1875]. [= Freire da Silva]
- Júlio Ribeiro, *Grammatica portugueza*, São Paulo/Belo Horizonte, Teixeira & Irmão Editores, 1885 (2.<sup>a</sup> ed.) [1881]. [= Júlio Ribeiro]
- Maximino Maciel, *Grammatica descriptiva*, São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves & C.<sup>a</sup>; Paris/Lisboa, Aillaud, Alves & C.<sup>a</sup>, 1914 (5.<sup>a</sup> ed.) [1887]. [= Maciel]
- João Ribeiro, *Grammatica portugueza. Curso superior*, Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Livraria Francisco Alves, 1920 (19.<sup>a</sup> ed.) [1887]. [= João Ribeiro]

Tendo, por conseguinte, como objeto de análise as gramáticas apresentadas<sup>2</sup>, a nossa intenção é perspetivar o problema de uma forma abrangente, tratando de analisar não apenas a evolução do objeto de estudo no *corpus*, como também as eventuais divergências no discurso metagramatical – que abrange regras, observações, exemplos e paradigmas – dos autores que publicam os seus manuais em Portugal ou no Brasil. Estes aspetos, de maneira mais ou menos geral, foram estudados, para a gramaticografia da língua portuguesa publicada em Portugal, entre outros autores, por Barbara Schäfer-Priess

---

<sup>2</sup> Parece-nos conveniente realçar o facto de as fontes do presente estudo – enquadrado no âmbito da historiografia gramatical – serem, de forma exclusiva, as gramáticas da língua portuguesa oitocentistas. Interessará, por conseguinte, analisar as considerações (observações, juízos explícitos e implícitos, apresentação de exemplos, critérios de inclusão em quadros ou paradigmas...) dos gramáticos sobre a colocação dos pronomes clíticos. Por isso, não analisaremos – apesar das eventuais limitações... – o objeto deste trabalho numa perspetiva diacrónica, por tal exceder as fontes selecionadas (as gramáticas da língua portuguesa oitocentistas) e o âmbito de investigação (a historiografia gramatical).

(2000) – até 1822 – e Helena Santos (2010), embora estas autoras se ocupem desta questão de forma fragmentária; por seu turno, Jéssica Santos, na sua dissertação de mestrado<sup>3</sup> (2011), analisou este aspeto no âmbito da gramatocografia do português publicada no Brasil.

## 2.2. Estatuto categorial (fragmentário) dos pronomes pessoais átonos

Antes de passar a analisar as propostas dos gramáticos oitocentistas sobre a posição dos clíticos, parece-nos pertinente realçar que a descrição das formas que hoje conhecemos como pronomes pessoais átonos, nas obras analisadas da primeira metade do século XIX – à exceção da *Grammatica philosophica*, de Jerónimo Soares Barbosa, e do *Compendio da grammatica philosophica*, de António da Costa Duarte –, ainda não está estabilizada em termos categoriais, sendo aquelas integradas em diferentes subclasses de palavras e, consequentemente, ocupando, como designei em trabalhos anteriores, uma *zona gramatical intercategorial* (Ponce de León, 2016: 149; Ponce de León, 2018), segundo se pode observar no seguinte quadro:

Sousa 1804	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>pronomes passivos e recíprocos</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>artigos</i>
Morais Silva 1806	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas → <i>nomes ou substantivos</i>
	formas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>adjectivos articulares</i>
Melo 1818	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>substantivos</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>adjectivos articulares</i> [?]
Ferreira 1819	formas da 1. <sup>a</sup> , 2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> pessoas → <i>pronomes passivos</i> [mas atenção: as formas acusativas da 3. <sup>a</sup> também são analisadas como <i>pronomes relativos</i> ]
Constâncio 1831	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>designativos pessoais</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>artigos definitos</i>
Beserra 1861	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>pronomes</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>artigos definitos</i>

<sup>3</sup> Agradeço à autora e ao seu orientador, Prof. Ricardo Cavaliere, o facto de me terem facultado uma cópia eletrónica do trabalho.

Reis 1866	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>pronomes pessoais</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>adjectivos pronominais</i>
Braga 1876	formas da 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoas e ‘lhe’/‘se’ → <i>pronomes pessoais</i>
	formas acusativas da 3. <sup>a</sup> pessoa → <i>artigos definidos</i>

**Quadro 1** – A *zona gramatical intercategorial* dos pronomes pessoais átonos no discurso metagramatical oitocentista

Com efeito, da informação registada no Quadro 1 pode observar-se que estes autores (de tendência racionalista) separam as formas pronominais acusativas da 3.<sup>a</sup> pessoa dos restantes clíticos, analisando aquelas, *grosso modo*, como artigos, na linha da gramática filosófica francesa (Schäfer-Priess, 2000: 177) – por exemplo, Nicolas Beauzée (1767, I: 327), ou Condillac (1775, I: 231). Por sua vez, Ferreira gramatiza<sup>4</sup> em duas subclasses a série de acusativos átonos da 3.<sup>a</sup> pessoa, o que mostra, em certo modo, a natureza intercategorial reconhecida a estas formas, ainda muito viva na primeira metade do século XIX. Já na gramaticografia da segunda metade, predomina a reorganização intracategorial, na subclasse dos pronomes pessoais, de todas as formas clíticas; há, no entanto, exceções, como a proposta apresentada por Beserra, Reis ou Braga.

Outra característica no discurso metagramatical sobre estas formas pronominais átonas que se regista em parte das obras do nosso *corpus* é a natureza fragmentária da exposição. Isto é, as considerações realizadas (em forma de preceitos, introdução de quadros, observações...) sobre aquelas são apresentadas em capítulos diferentes – critério que se pode apreciar também em parte da gramaticografia portuguesa do século XVIII (Ponce de León, 2018).

---

<sup>4</sup> Utilizamos, sempre no domínio da historiografia gramatical, os termos “gramatizar” e “gramatização” para exprimir que um facto de língua fica registado – ou melhor, fixado ou codificado – num texto metagramatical, habitualmente em forma de preceitos e de registo no paradigma. Sobre a gramatização como processo – no quadro da fixação das línguas vernáculas – podem consultar-se, entre muitos outros, os trabalhos pioneiros de Silvain Auroux (1994) e Pierre Swiggers (1997).

A este respeito, é possível que estas duas questões (o estatuto intercategoriais e a natureza fragmentária da exposição) tenham constituído, como se verá nas páginas seguintes, um obstáculo para uma rápida gramatização dos critérios de colocação na gramaticografia da língua portuguesa publicada no século XIX.

### **2.3. Em torno da colocação dos pronomes pessoais átonos: parâmetros de análise**

Para o estudo do processo de gramatização dos critérios de colocação das formas pronominais átonas, parece-nos pertinente determinar os seguintes parâmetros de análise:

#### **A – Descrição da colocação dos pronomes pessoais átonos:**

- i) Ausência de critérios. *Padrões implícitos* sobre a posição dos pronomes clíticos:
  - no discurso metalinguístico sobre os pronomes pessoais;
  - nos exemplos correspondentes à matéria sobre os pronomes pessoais;
  - nos paradigmas da conjugação (verbos reflexivos, pronominais...);
  - na apresentação da mesóclise como posição *extraordinária*.
- ii) Explicitação de critérios:
  - grau de extensão da análise aos três tipos de colocação (ênclise, próclise, mesóclise);
  - grau de fragmentação no discurso metalinguístico;
  - propriedades relevantes: prosódicas, estilísticas, morfológicas, sintagmáticas.

#### **B – Juízos normativos sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos:**

- i) De tipo diafásico ou diastrático.
- ii) De tipo diatópico: juízos normativos sobre a posição dos pronomes clíticos no Brasil.

Com efeito, podem distinguir-se dois parâmetros centrais: as observações descritivas sobre a colocação dos pronomes clíticos e os juízos normativos sobre as tendências de colocação em variedades do português (geográficas

e/ou sociais)<sup>5</sup>. O registo, nas obras do *corpus*, deste segundo parâmetro presuppõe a presença do primeiro; já a explicitação da colocação pode não ir seguida de juízos normativos.

Relativamente ao primeiro parâmetro, naquelas obras – numerosas – em que os critérios de colocação não aparecem explícitos, julgo relevante deduzir, como foi acima apresentado, tendências subjacentes (ou padrões implícitos) ao discurso metalinguístico dos autores, às amostras de língua que ilustram as observações gramaticais, aos paradigmas verbais e ao tratamento da mesóclise como uma *anomalia*. Quanto ao primeiro aspeto, certos autores fazem apenas menção da posição dos pronomes pessoais átonos como informação complementar e, em certo modo, subsidiária da matéria gramatical principal (por exemplo, a explicação dos verbos reflexivos). É o caso de Oliveira a propósito dos verbos reflexivos:

*Reflexos* são todos os verbos activos, quando exprimem a acção do sujeito reflexa sobre si mesmo, e porisso têm por complemento algum dos pronomes *me, te, se*, posto antes, no meio ou depois dos mesmos verbos. Ex.: «Eu *me* julgo feliz. Julgas-*te*. Julgar-*te*-ás (por julgarás-*te*) (Oliveira, 1862: 37).

Note-se que, nesta ilustração, não há qualquer referência a critérios de colocação, nem à posição prototípica do pronome clítico – que parece ser, nessa sincronia, a enclítica, como no português europeu contemporâneo (Brito/Duarte/Matos, 2003: 851-852). Outros gramáticos, por seu turno, realçam a ênclise, como é o caso de Leite:

As formas complementares *o, a, os, as*, sendo enclíticas (1) e precedidas das desinências nasaes dos verbos, tomam um *n* eufónico, resultando a voz *no, na, nos, nas*, ex.: *amam-n'o, tremem-n'a*, em vez de – *amam-o, tremem-o*. [Em nota de

---

<sup>5</sup> Na elaboração metagramatical, podem ser apresentadas considerações de diversa índole. Muitas delas referem-se a comentários de explicação gramatical sem intenção normativa, aos quais subjaz aquilo que designamos como “critérios descritivos”; noutros casos, os autores determinam uma forma como aquela que deveria ser utilizada, introduzindo juízos normativos. Estes últimos, habitualmente, concretizam o processo de gramatização, tal como foi analisado a propósito da *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (Lião, 1672) do jesuíta Bento Pereira (Ponce de León, 2010: 192-197).

rodapé: (1) Chamam-se *enclíticas* ás particulas d'uma lingua, as quaes se reúnem a uma palavra antecedente, de tal maneira que não parecem formar na pronúnciação senão uma unica palavra com aquella a que está unida. As enclíticas dos verbos são todos os casos oblíquos dos determinativos relativos, como: *me, nos, te, vos, si, o, a, os, as, lhe, lhes*] (Leite, 1887: 45).

Seja como for, a enúnciação dos três tipos de colocação não é habitual nas obras do *corpus* que não explicitam critérios, a não ser que – vê-lo-emos mais à frente – a posição do pronome pessoal átono produza alterações na forma do verbo e do clítico, tal como, na verdade, se apresenta, a propósito da ênclise, no passo citado de Leite.

Como foi referido, outro dos aspetos que se podem ter em consideração é a dedução de certas tendências de colocação a partir dos exemplos com que se ilustram as regras. Vejam-se, a este respeito, as seguintes passagens de Melo, Ferreira e Braga:

i) As significações passivas na Linguagem Portuguêza, quando se referem aos *Prônômes* ou *Substantivos* pessoaes, *eu, tu, êle* ou *ela; nós, vós, êles* ou *elas*, são significados, ordinariamente, por um Verbo *concreto*, e uma das *variações* dos mesmos substantivos: v. g. me-arrepêdo, em *Não me-arrepêdo de fazêr bem (...)*.

São igualmente significações passivas as expressões *unes-te, unis-vos* em *¿une-ste[sic] aos bons? serás um d'êles: unis-vos aos maos? sê-lo-eis tam-bem (...)* (Melo, 1818: 89-90).

ii) Chamão-se *Terminativos* os prônômes, quando representão as pessoas como termo das nossas acções, e esta especie de personalidade se designa ainda por *me, te, lhe, nós, vós, lhes*, como v. g. *manda-me este livro*, isto he, manda a mim: *eu te mandarei o livro*, isto he, mandarei *a ti: eu lhe mandarei o livro*, isto he, mandarei *a elle* ou *ella: manda-nos*, isto he, manda *a nós: eu vos mandarei*, isto he, mandarei *a vós: eu lhes mandarei*, isto he, mandarei *a elles*, ou *a elles* (Ferreira, 1819: 25).

iii) O Artigo *o, a, os, as*, serve tambem de Pronome *Relativo*, e se emprega muitas vezes como tal; como quando dizemos: *o livro que te mandei he muito bom, le-o, e depois de o ler manda-mo*, isto he, *manda-me-o*: onde se vê que o primeiro *o*, que precede a livro, he artigo indicativo; os outros em *le-o*, em *o ler*, e em *manda-mo*, são prônômes relativos que se referem ao livro de que se falla (Ferreira, 1819: 27).

iv) Quando o pronome *o* representa um estado, uma função ou qualidade, torna-se invariável: Quem é a rainha? Eu *o* sou. – Estaes pobre? Eu *o* estou. – Sois mãe? Sou-*o* (Braga, 1876: 135).

Nos passos reproduzidos – bem como no de Oliveira, apresentado mais acima –, pode inferir-se o fenómeno que propicia a variação na colocação do pronome clítico: a forma verbal em posição inicial absoluta na oração – o que determina o uso enclítico, ou o mesoclítico no caso das formas de futuro ou condicionais – ou a anteposição de uma palavra ou constituinte, incluindo a explicitação do pronome pessoal sujeito, que favorece a próclise. Estes padrões gerais podem ser também deduzidos se se tiver em consideração o terceiro subcritério acima enunciado, isto é: a análise dos paradigmas de conjugação – nomeadamente, dos verbos reflexivos. Uma ilustração esclarecedora é aquela que se regista no paradigma da 1.<sup>a</sup> conjugação da gramática de Ferreira<sup>6</sup>:

<b>MODO INDICATIVO.</b>			<i>Composto.</i>
	<i>Presente.</i>		
Eu me amo.	Amo-me.	} amado.	Tenho-me
Tu te amas.	Amas-te.		Tens-te
Elle se ama.	Ama-se.		Tem-se
			Temos-nos
			Tendes-vos
			Tem-se

(Ferreira, 1819: 92, 23)

	<i>Futuro.</i>		<b>IMPERATIVO.</b>
Eu me amarei.	Amar-me-hei.	} amado.	
Tu te amarás.	Amar-te-hás.		
Elle se amará.	Amar-se-há.		
Nós nos amaremos.	Amar-nos-hemos.		
Vós vos amareis.	Amar-vos-heis.		
Elles se amarão.	Amar-se-hão.		Amai-vos, (a)
		Ama-te.	

(Ferreira, 1819: 94, 96)

<sup>6</sup> Reproduzimos o modelo respeitante ao presente, (perfeito) composto e futuro do indicativo, e ao imperativo, dada a colocação característica dos pronomes clíticos a respeito destas formas verbais.

No exemplo selecionado, é preciso pôr em relevo as consequências do registo da dupla série de formas verbais para cada tempo, na qual se apresenta o uso proclítico perante o enclítico ou o mesoclítico, que se deve explicar a partir de sequências sintagmáticas implícitas, como aquelas que, por exemplo, subjazem aos exemplos integrados nas passagens reproduzidas das gramáticas de Melo, Ferreira, Oliveira ou Braga. Convém, contudo, sublinhar que a sistematicidade que apresenta Ferreira não é habitual na gramaticografia da língua portuguesa do século XIX, como se pode observar no seguinte quadro:

	<b>Presente do indicativo</b>	<b>Pretérito perfeito composto do indicativo</b>	<b>Futuro imperfeito do indicativo</b>	<b>Imperativo</b>
Sousa 1804	Eu me declaro	Tenho-me declarado	Eu me declararei	Declara-te tu
Silva 1806	--	--	--	--
Melo 1818	--	--	--	--
Ferreira 1819	Eu me amo/ Amo-me	Eu me tenho amado/ Tenho-me amado	Eu me amarei/ Amar-me-hei	Ama-te
Barbosa 1822	Eu me amo/Eu entendo-me	Eu me tenho louvado/ tenho-me louvado	Amar-me-ei	Louva-te tu
Constâncio 1831	Amo-me/Eu me amo	--	Offerecer-me-hei	--
Duarte 1829	--	--	--	--
Beserra 1861	--	--	--	--
Oliveira 1862	Eu me julgo/ Julgas-te	--	Julgar-te-ás	--
Aulete 1864	--	--	--	--
Reis 1866	--	--	--	--
Silva 1875	--	--	--	--
Braga 1876	--	--	--	--
Ribeiro 1881	Eu me queixo	Eu me tenho queixado	Eu me queixarei	Queixa-te tu
Maciel 1887	--	--	--	--
Ribeiro 1887	Eu me digno	--	Eu me dignarei/ Dignar-me hei	Digna-te tu

	Presente do indicativo	Pretérito perfeito composto do indicativo	Futuro imperfeito do indicativo	Imperativo
Leite 1887	Eu abstenho-me ou me abstenho	Eu me tenho abstido	Eu me absterei/ Abster-me-hei	Abstem-te tu
Coelho 1891	--	--	--	--

**Quadro 2** – A posição do clítico no paradigma verbal

De acordo com a informação apresentada no Quadro 2, pode verificar-se que não parece haver, entre os gramáticos, unanimidade quanto aos critérios subjacentes na posição das formas átonas, nem se pode estabelecer uma tendência geral; fora o caso reproduzido de Ferreira, há apenas, para a gramaticografia publicada em Portugal, uma exceção, a de Barbosa, cujos critérios – registados com pormenor (Barbosa, 1822: 156-158, 260-262) – não parecem coincidir com as tendências deduzidas dos exemplos e do paradigma registados na gramática de Ferreira. Por seu turno, no que toca à gramaticografia publicada no Brasil, as obras de Júlio Ribeiro e João Ribeiro parecem materializar, nos modelos de conjugação, critérios claros de colocação, determinados, em certo modo, pela variedade do português do Brasil, se bem que, como se verá mais adiante, não haja coincidência entre estes dois autores.

Interessa, por outro lado, realçar a análise que, em muitas das gramáticas que não explicitam critérios de colocação das formas pronominais átonas, é feita da mesóclise como uma *anomalia*, sendo explicada, regra geral, no tratado sobre as figuras da dicção – na esteira da gramaticografia setecentista (Ponce de León, 2018). Assim acontece, por exemplo, em Sousa, Ferreira ou Oliveira:

- i) Usa-se da figura Sincope em todas as pessoas assim do singular como do plural do Passado Indefinido do Indicativo do Verbo *Haver*, quando se propõe a vos infinita do Presente de qualquer Verbo dividindo-se pela figura Tmesis alguma das seguintes palavras: *Me, Te, Se, Se, Lhe, Nós, Vós, Lhes, O, Os, A, As*; porque dizemos por exemplo: *Amalo-bia, Amalo-bias, Amar-te-bião* em lugar de *Ama-lo-havia[sic], Ama-lo-havias, Amar-te-havião* (Sousa, 1804: 153).

ii) A figura *Tmesis* serve para dividir huma palavra em duas pondo-lhe outra de permeio como nos exemplos indicados acima [*dir-te-bei, dir-me-hão, fa-lo-bei*] (Ferreira, 1819: 112).

iii) Faz-se a transposição pelos modos seguintes: [...] 2.<sup>a</sup> por *thmese*, dividindo uma palavra para interpôr-lhe outra, como – “*dir-me-ás, far-te-ei, dever-se-ia*” por – *dirás-me, farei-te, deveria-se* (Oliveira, 1862: 76).

Nesta perspetiva, poder-se-á afirmar que esta posição fica gramatizada, mas como um fenómeno que ultrapassa as regras da gramática, consideração esta que também, com o decorrer do século, será reformulada.

A lacuna relativa à explicitação de critérios no atinente à colocação dos pronomes pessoais átonos vai diminuindo à medida que avança o século. Tal não quer dizer que não haja obras nas quais, na primeira metade do século XIX, estes padrões fiquem gramatizados. É o caso de Barbosa, que, para além de indicar a colocação prototípica – a ênclise:

Os casos *Me, Nos* do Pessoal da I.<sup>a</sup> Pessoa, os da II.<sup>a</sup> *Te, Vos*, e o do Reciproco da III.<sup>a</sup> *Se*, todos com accentto grave enclíticos, nunca admitem preposições, e são complementos já objectivos, já terminativos segundo o demanda a significação do verbo ou so activa, ou tambem relativa (Barbosa, 1822: 157),

na secção dedicada à matéria sobre os verbos reflexivos (que Barbosa designa como *voz media, ou reflexa*), apresenta uma extensa observação sobre as propriedades que favorecem cada uma das três posições dos pronomes pessoais átonos (Barbosa, 1822: 260-262). Outros autores, já na segunda metade do século, dedicam comentários mais reduzidos a esta questão, como Adolfo Coelho, em cuja gramática nada parece ser preceituado sobre a mesóclise (1891: 118). Por sua vez, no âmbito da gramaticografia portuguesa publicada no Brasil, Júlio Ribeiro apresenta a ênclise como padrão de colocação básico – «*O, a, os, as, me, te, se, lhe, nos, vos, lhes* chamam-se pronomes *enclíticos* por isto que sempre se acostam ao verbo depois do qual vêm, ex.: “*Viu-a – dizem-me*, etc.”» (1885 [1881]: 116) –, ao passo que outros autores optam por atenuar a observação sobre a ênclise como posição prototípica dos elementos pronominais átonos – como João Ribeiro, que os denomina *pronomes*

*obliquos* (1920 [1887]: 229), ou Maciel, que os designa como *formas pronominaes syncliticas*<sup>7</sup>. Estes três gramáticos brasileiros, na análise da colocação, abrangem os três tipos, se bem que, em algum deles, como Júlio Ribeiro, os padrões normativos parecem orientar-se para supressão da mesóclise, se temos em consideração os paradigmas da conjugação. Esta observação ganha maior interesse se se comparar a proposta de Júlio Ribeiro com aquela que se regista na *Grammatica portugueza* de João Ribeiro – registadas as duas no Quadro 2 –, na qual se reproduz a dupla série de formas verbais com os pronomes em posição proclítica e mesoclítica.

No que toca aos critérios de colocação – que habitualmente, nas obras do *corpus*, integram uma secção no limite entre o capítulo sobre a sintaxe e os tratados que abordam aspetos estilísticos –, estes costumam ser, segundo os autores, de diversa índole. Barbosa parece condicionar a colocação a quatro parâmetros:

a) aspetos prosódicos (de acentuação) que, segundo os contextos, favorecem a próclise, como se pode apreciar na seguinte observação:

Nos tempos, em que o acento da primeira pessoa do plural passa á antepenultima, o pronome sempre he enclítico nesta especie de conjugação, se se puzesse adiante, viria a ficar o accento antes da antepenultima na primeira pessoa do plural deste modo: *Amavamos-nos, Amaramos-nos, Amariamamos-nos, Amassemos-nos*. Devemos por tanto dizer: *Eu me amava, Tu te Amáras, Elle se Amaria, Nós nos Amassemos, Vós vos Amaveis, Elles se Amarião* (Barbosa, 1822: 261);

ou a indistinção:

nos tempos simples, em cuja primeira pessoa do plural o accento nunca passa para traz da penultima, he couza indifferente pôr dantes ou depois do verbo o pronome, não havendo nisto alguma cacophonia, ou equivoco. Assim pôde-se dizer

---

<sup>7</sup> «As variações pronominaes – *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as* são fórmias syncliticas que, por não terem accentuação tonica, giram em torno do *verbo* a que pertencem, de sorte que se antepõem (proclise), se interpõem (mesoclise) e se pospõem (enclise)» (Maciel, 1914 [1887]: 372).

igualmente bem: *Eu louvo-me* ou *Eu me louvo*, *Tu louvas-te* ou *Tu te louvas*, *Elle se louva* ou *Elle louva-se*, *Nós louvamos-nos* ou *Nós nos louvamos*, *Elles louvãõ-se* ou *Elles se louvãõ* (Barbosa, 1822: 260);

b) critérios de tipo morfológico, respeitante a combinação do pronome clítico com algum dos *tempos compostos*:

Nos tempos compostos do auxiliar *Haver* e dos infinitos do verbo adjectivo, o pronome pôde ou preceder áquelle, ou seguir-se a estes: *Eu me heide louvar*, ou *Eu heide louvar-me*; nos compostos porêm dos auxiliares *Estar*, *Ter*, e dos participios, o pronome nunca vai depois destes, mas sempre com os auxiliares, ou dantes: *Eu me estou louvando*; ou dantes e depois: *Eu me tenbo louvado*, ou *Eu tenbo-me louvado* (Barbosa, 1822: 261);

c) variáveis que se poderiam designar como sintagmáticas, mas que, na proposta de Barbosa, apenas se aplicam às orações condicionais: «[e]m todas as proposições condicionaes quer do indicativo, quer do subjunctivo o pronome sempre vai antes do verbo *Se eu me Amo*, *Se eu me Amar*» (Barbosa, 1822: 261);

d) condicionamentos estilísticos, que se prendem com a cacofonia ou a dissonância da ênclise ou da próclise, ou com a elegância do uso na posição mesoclítica: «[n]as linguagens condicionais, e nas do futuro imperfeito do indicativo he elegante metter o pronome no meio, entre a fórmula primitiva em *ar*, *er*, *ir*, e a terminação final» (Barbosa, 1822: 261).

A proposta de Barbosa constitui a primeira descrição sistemática dos critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos, com certo impacto na gramaticografia posterior, porquanto alguns dos critérios são assumidos por certos autores oitocentistas; por exemplo, as questões estilísticas (concretamente, a eufonia) são invocadas por Duarte para explicar a variante fónica ‘lo’ em contextos como “amal-o”, em vez de “amar-o” (1859 [1829]: 19). Por outro lado, a mesóclise é relacionada por outros autores, como faz Barbosa, com o uso elegante; assim acontece com Oliveira: «Nas linguagens do futuro imperfeito do indicativo e nas condicionaes é mais elegante metter o pronome

no meio entre a forma primitiva *ar, er, ir* e a terminação final; como: – “amar-*-me-ei, amar-te-ás, amar-se-á* [...], por *amarei-me, amarás-te, amará-se*” (1862: 37); ou Leite:

As formas complementares *me, te, se, nos, vos* podem ir antes ou depois do verbo, excepto no imperativo, em que devem ir depois; nos futuros do conjuntivo em que vão antes; e nos futuros do indicativo e no condicional, em que, por elegância de phrase, podem colocar-se no meio (Leite, 1887: 71).

Relativamente a estas formas, nos últimos anos do século, há autores (Júlio Ribeiro, João Ribeiro ou Maciel) que integram, de forma natural, as variantes fónicas, surgidas da combinação em ênclise com certas formas verbais (infinitivos e formas na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, na 1.<sup>a</sup> do plural ou na 3.<sup>a</sup> do plural), no capítulo sobre a colocação.

Por seu turno, Freire da Silva e Júlio Ribeiro seguem parcialmente Barbosa; em concreto, o critério determinado por questões prosódicas (Silva, 1906 [1875]: 313; Ribeiro, 1885 [1881]: 246). Não obstante, observa-se, na proposta destes gramáticos, um claro desenvolvimento do critério sintagmático. Apesar de ser um dos pontos que condicionam a posição do pronome pessoal átono, parece central a observação segundo a qual:

i) Nunca deve começar o periodo ou uma proposição absoluta por um pronome no caso obliquo, excepto si está regido de preposição. Por tal motivo incorre em erro quem diz: “*Me parece*”, ao passo que se permite: “*A mim me parece*” (Silva, 1904 [1875]: 312).

ii) O pronome objecto, o pronome em relação objectiva adverbial e a particula apassivadora *se* nunca devem começar a sentença: Seria incorrecto dizer «*Me querem lá – Te vejo sempre – Nos parece – Vos offereço – Lhe digo – Lhes peço – Si contam cousas feias – Si diz que elle vai, etc.*» Deve-se dizer «*Querem-me lá – Vejo-te sempre, etc.*» (Ribeiro, 1885 [1881]: 247).

Este critério, de tipo claramente prescritivo e favorecedor da ênclise, tem como contrapartida o uso proclítico quando algum dos seguintes constituintes ocupa a posição inicial da oração: a negação, as conjunções com verbo no

modo indicativo ou no conjuntivo ou as frases de infinitivo introduzidas por preposição. Quanto à explicitação do pronome pessoal sujeito, há disparidade nas propostas de Freire da Silva e Júlio Ribeiro: o primeiro defende a próclise das formas pronominais átonas neste contexto sintagmático: «Antepõe-se sempre o pronome ao verbo: (...) Si o sujeito é um pronome, e está antes do verbo: “[ ] Elle *me* chama.” “Eu *me* condo de ti.” “Tu *te* feriste.”» (Silva, 1906 [1875]: 312); por sua vez, como viu também Jéssica Santos (2011: 68), para Júlio Ribeiro, na esteira de Barbosa, a anteposição do pronome pessoal sujeito pode não atrair o pronome clítico: «nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex.: “*Eu TE amo* ou *amo-TE*”» (Ribeiro, 1885 [1881]: 246). Nesta última observação, enuncia-se uma restrição que se prende com o futuro e o condicional, com os quais, no caso de se explicitar o pronome pessoal sujeito, é prescrita a próclise<sup>8</sup>: «[s]i o sujeito do verbo nestes casos está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir “ELLE TE *amará* – ELLE TE *veria*”» (Ribeiro, 1885 [1881]: 248). Esta observação de Júlio Ribeiro parece-nos esclarecedora da tendência à gramatização do uso proclítico das formas pessoais átonas, reforçada pela combinação registada nos paradigmas dos verbos pronominais:

Futuro	Singular	1. <sup>a</sup>	Eu me queixarei
		2. <sup>a</sup>	Tu te queixarás
		3. <sup>a</sup>	Elle se queixará
	Plural	1. <sup>a</sup>	Nós nos queixaremos
		2. <sup>a</sup>	Vós vos queixareis
		3. <sup>a</sup>	Elles se queixarão

(Ribeiro, 1885 [1881]: não paginado)

<sup>8</sup> Sem a expressão do pronome sujeito, Júlio Ribeiro, com o futuro do indicativo e o condicional, prescreve, como “construção especial”, a mesóclise: «Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito usa-se de uma construção especial: insere-se por tmese o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex. “*Amar-TE-á* – *Ver-TE-ia*”» (1885: 248). No que diz respeito a Freire da Silva, há próclise com aqueles tempos quando se explicita o pronome pessoal sujeito: «[antepõe-se sempre o pronome ao verbo:] (...) Achando-se o verbo no futuro absoluto e no futuro simples do condicional, si por elle não começa a phrase. Exemplos: “Eu *te* darei.” “Tu *me* amarias.”/No caso de principiar a phrase por alguma forma destes tempos, para se não infringir a regra primeira, deve-se dizer por tmese: “Dar-*te*-ei.” “Amar-*me*-ias.”» (Silva, 1906 [1875]: 312-313).

Por outro lado, nas últimas décadas do século XIX, observa-se um predomínio de parâmetros de tipo sintagmático (por exemplo, a presença do pronome pessoal sujeito anteposto ao verbo, ou, de forma mais habitual, a anteposição de segmentos de composição diversa, como os referidos acima); tendência esta que pode ser apreciada, de forma pormenorizada, nas gramáticas de João Ribeiro (1920 [1887]: 229-234) e Maciel (1914 [1887]: 372-380) no Brasil, e, em Portugal, de forma bem mais sucinta, na de Coelho<sup>9</sup>. Interessa ainda realçar a plena gramatização dos critérios de colocação dos pronomes pessoais átonos nestas duas gramáticas brasileiras, através de uma secção dedicada de forma explícita a este aspeto e, na gramática de Maciel, também com a introdução de uma expressão metalinguística para o designar: o *synclitismo pronominal*<sup>10</sup>. Estes critérios na elaboração metagramatical poderão revelar uma preocupação dos autores perante a evolução divergente na colocação dos pronomes clíticos no português do Brasil, a respeito daquela que se dava no português europeu.

Nas gramáticas do *corpus* que registam critérios de colocação das formas pronominais átonas, um traço mais ou menos geral é constituído pela inserção de juízos de tipo prescritivo que, em nossa opinião, tratam de configurar uma norma. Nas obras publicadas em Portugal, a prescrição relaciona-se com questões estilísticas; atente-se, por exemplo, nos comentários, sobre a mesóclise, de Barbosa (1822: 261) ou de Leite (1887: 71), reproduzidos mais acima. Já nos autores brasileiros a mesóclise é caracterizada, de forma neutra, como “construção especial” (Ribeiro, 1885 [1881]: 247) ou “caso especial” (Ribeiro, 1920 [1887]: 229), sem repercussões de tipo expressivo ou estilístico<sup>11</sup>; João

---

<sup>9</sup> «A colocação d'outros elementos secundários pode variar, mas em parte segundo regras determinadas; é o que se dá com os pronomes complementos, que ora precedem ora seguem o verbo, segundo este é ou não precedido de certas palavras, tais como pronomes relativos, interrogativos e indefinidos, p. ex.: *Quem te viu?* (e não *Quem viu-te?*) *Ninguém m'ò disse*» (Coelho, 1891: 118).

<sup>10</sup> Que a expressão surge no pensamento gramatical de Maciel pode deduzir-se de uma nota de rodapé que faz referência à colocação: «[e]ssa teoria é o resumo do nosso trabalho publicado na «Revista Pedagógica», no qual systematizamos a colocação de pronomes sob o titulo de **synclise**» (Maciel, 1914 [1887]) (Negrito do original). O estudo, com efeito, começou a publicar-se na *Revista de Pedagogia*, tomo I, 1-2, págs. 30-35, em 1890.

<sup>11</sup> Maciel, por seu turno, não caracteriza do ponto de vista prescritivo a mesóclise (1914 [1887]: 375-376).

Ribeiro talvez avance na normatização – mas em sentido diferente daquela que apresentam os autores portugueses – quando defende que a mesóclise «[é] um caso especial da posposição, porque, se não é de uso dizer *farei-te, dirá-te*, a anteposição é sempre de bom uso: *te direi, te fará*» (Ribeiro, 1920 [1887]: 229). Importa, por fim, realçar os juízos (negativos) sobre certos traços do português do Brasil que se prendem com a colocação das formas clíticas. Eles não aparecem, segundo os nossos dados, na gramaticografia publicada em Portugal, mas naquelas gramáticas que saem dos prelos brasileiros; em concreto, na de João Ribeiro. Atente-se, a este respeito, na observação deste autor sobre o uso proclítico com formas de imperativo: “Nunca se começa phrase ou periodo com o pronome obliquo. “*Me dê*”, “*me faça*”, etc., são brasileirismos que devem ser evitados (Ribeiro, 1920 [1887]: 231).

### 3. Considerações finais

Nas considerações finais do presente trabalho, parece-nos conveniente relembrar as palavras de Ana Maria Brito, Inês Duarte e Gabriela Matos a propósito da ênclise como padrão básico:

A tradição gramatical luso-brasileira produziu, no final do século XIX e princípios do século XX, uma bibliografia abundante e rica sobre as condições que presidem à selecção do padrão enclítico ou do padrão proclítico no português moderno (Brito/Duarte/Matos, 2003: 849).

As autoras, com efeito, sublinham a abundante reflexão metalinguística sobre o objeto do presente estudo, ainda que apresentem fontes, especialmente, da primeira metade do século XX. Com efeito, no atinente à gramaticografia da língua portuguesa de Oitocentos, podemos delinear a evolução do pensamento metalinguístico sobre a colocação das formas pessoais átonas: nas obras publicadas durante a primeira metade do século – com a exceção da gramática de Barbosa – não parece haver critérios claros ou mesmo explícitos sobre a questão em análise, embora se possam deduzir, a partir dos parâmetros que determinámos para o presente estudo, certas tendências, como são a

ênclise quando o verbo assume a posição inicial na oração, a próclise quando uma forma – incluindo o pronome pessoal sujeito, se bem que não haja unanimidade nos autores – se antepõe ao verbo, e a mesóclise como construção conotada em termos estilísticos. Neste contexto, o caso de Barbosa é, como dissemos, excepcional, porquanto desenvolve com pormenor, no início do século XIX, os critérios de colocação, os quais serão parcialmente assumidos por uma parte dos gramáticos posteriores, quer portugueses, quer brasileiros.

No âmbito da gramaticografia do português publicada no Brasil, se comparada com o conjunto de obras editadas em Portugal, parece-nos que desenvolve – especialmente aquelas gramáticas que se publicam no último quartel do século – uma análise cuidada da colocação dos pronomes clíticos, ao ponto de ficar plenamente gramatizada em João Ribeiro e Maciel. É possível que esta preocupação dos autores brasileiros deva relacionar-se com a divergência que começava a acentuar-se na colocação dos pronomes clíticos, entre a variedade do português europeia e a brasileira. A este respeito, julgamos esclarecedora a consideração da mesóclise, em Júlio Ribeiro e João Ribeiro, como uma construção ou caso *especial* sem qualquer caracterização de tipo estilístico – como habitualmente se regista nos autores portugueses –, em substituição da qual se vai gramatizando a próclise, se atentarmos nos paradigmas verbais do futuro e do condicional ou nos juízos normativos. No entanto, na gramaticografia brasileira dos últimos anos do século, deteta-se certa tensão, talvez produzida pela consciência linguística do afastamento entre o português europeu e o do Brasil, ao ponto de começarem a registar-se juízos normativos negativos sobre certos usos proclíticos – *brasileirismos* –, como acontece na gramática de João Ribeiro.

Julgamos, em suma, que a reflexão metalinguística sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos na gramaticografia da língua portuguesa de Oitocentos é (mais) uma manifestação da riqueza do património gramatical e do pensamento linguístico do português.

## Referências bibliográficas

- AULETE, Francisco Júlio Caldas (1864): *Grammatica nacional*. Lisboa: Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa.
- AUROUX, Sylvain (1994): *La révolution technologique de la grammatisation. Introduction à l'histoire des sciences du langage*. Liège: Mardaga.
- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822): *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências.
- BEAUZÉE, Nicolas (1767): *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*, 2 vols. Paris: J. Barbou.
- BESERRA, Manuel Soares da Silva (1861): *Compendio de grammatica philosophica*. Ceará: Typographia Social.
- BRAGA, Teófilo (1876): *Grammatica portugueza elementar*. Porto: Livraria Portugueza e Estrangeira.
- BRITO, Ana Maria/Inês Duarte/Gabriela Matos (2003<sup>5</sup>). “Tipologia e distribuição das expressões nominais”. In M. Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramatica da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 795-867.
- COELHO, Francisco Adolfo (1891): *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos & C.<sup>a</sup> Editores.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (1775): *Cours d'étude pour l'instruction du Prince de Parme [...]. Tome premier. Grammaire*. Parme: Imprimerie Royale.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano (1831): *Grammatica analytica da lingua portugueza*. Paris: J. Aillaud.
- DUARTE, António da Costa (1859<sup>4</sup> [1829]): *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*. Maranhão: Typ. do Frias.
- FERREIRA, Francisco Soares (1819): *Elementos de grammatica portugueza*. Lisboa: Impressão Régia.
- LEITE, Francisco José Monteiro (1887): *Grammatica portugueza dos lyceus*. Porto: Livraria Civilização.
- MACIEL, Maximino (1914<sup>5</sup> [1887]): *Grammatica descriptiva*. São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves & C.<sup>a</sup>; Paris/Lisboa: Aillaud, Alves & C.<sup>a</sup>
- MELO, João Crisóstomo do Couto e (1818): *Gramática filósofica [sic] da linguagem portugêza*. Lisboa: Impressão Régia.

- NASCENTES, Antenor ([1935]): *O idioma nacional na Escola Secundária*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- OLIVEIRA, Bento José de (1862): *Nova grammatica portugueza*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2010): “Gramática e defesa da língua: o Castelhana na *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (1672) de Bento Pereira (S. I.)”. In Annette Endruschat/Rolf Kemmler (orgs.), *Portugiesische Sprachwissenschaft: traditionell – modern – innovativ*. Tübingen: Calepinus, 189-200.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2015): “O tratamento dos pronomes pessoais átonos na gramaticografia do português (séculos XVI-XVII)”, *Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 49, 142-162.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2018): “Os pronomes pessoais átonos na gramaticografia portuguesa setecentista”. In João Veloso *et al.* (eds.), *A Linguística em diálogo. Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 321-342.
- REIS, Francisco Sotero dos (1871<sup>2</sup> [1866]): *Grammatica portugueza*. Maranhão: Typ. de R. d’Almeida & C.
- RIBEIRO, João (1920<sup>19</sup> [1887]): *Grammatica portugueza. Curso superior*. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves.
- RIBEIRO, Júlio (1885<sup>2</sup> [1881]): *Grammatica portugueza*. São Paulo/Belo Horizonte: Teixeira & Irmão Editores.
- SANTOS, Jéssica Tavares dos (2011): *A descrição do pronome nas gramáticas brasileiras do século XIX*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF.
- SANTOS, Maria Helena Pessoa (2010): *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de oitocentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- SCHÄFER-PIESS, Barbara (2000): *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer.
- SILVA, António de Morais (1806): *Epitome da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira.

SILVA, Augusto Freire da (1906<sup>9</sup> [1875]): *Grammatica portugueza*. São Paulo: Augusto Siqueira & Comp.

SOUSA, Manuel Dias de (1804): *Gramatica portugueza*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

SWIGGERS, Pierre (1997): *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.